

PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EXPLORAÇÃO DE UMA TAREFA EM CONGRESSO MATEMÁTICO

Paula Fonseca

Agrupamento de Escolas de Pinhal de Frades
fonsecapspaula@gmail.com

Ana Maria Boavida

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal
ana.boavida@ese.ips.pt

Leonor Santos

Instituto da Educação, Universidade de Lisboa
leonorsantos@ie.ul.pt

Resumo: A avaliação não é uma ação dissociada do processo educativo mas inerente a esse processo e, portanto, quotidiana. O trabalho realizado diariamente na aula é de grande importância para a aprendizagem dos alunos, contribuindo fortemente para o seu sucesso ou insucesso. Este poster, foca-se nas práticas avaliativas de uma professora durante a exploração de uma tarefa cujas resoluções foram discutidas no âmbito de um congresso matemático.

Palavras-chave: Práticas avaliativas; avaliação reguladora no quotidiano; comunicação matemática.

A análise do Programa de Matemática do Ensino Básico (PMEB, ME, 2007), evidencia a necessidade de haver uma estreita ligação entre gestão curricular e avaliação. Esta possibilita apreciar o progresso dos alunos e diagnosticar problemas de aprendizagem, o que contribui para o professor poder adequar a sua ação. O programa refere, ainda, que as atividades de ensino e aprendizagem devem integrar uma avaliação continuada de caráter regulador que se deve tornar natural na atividade da aula e não ser uma interrupção da mesma.

A importância da avaliação estar entrelaçada com o trabalho quotidiano da aula é sublinhada por diversos autores. Pinto e Santos (2006) referem que este trabalho está repleto de interações avaliativas, micro balanços sobre o desenvolvimento de tarefas realizadas pelos alunos, e de intervenções reguladoras por parte do professor. Destacam que grande parte do sucesso ou insucesso na aprendizagem está associado ao modo como o professor vai usando estas interações. Também Fosnot e Dolk (2002) sublinham que a melhor e talvez a mais válida forma de avaliação é a “avaliação no momento”¹ que surge quando professor e alunos interagem a propósito da resolução de tarefas matemáticas. Para estes autores, espera-se que à medida que os alunos exploram e discutem tarefas cognitivamente desafiadoras, se vão apropriando de “ideias matemáticas poderosas”² que são pontos de referência na “paisagem de aprendizagem”³ dos tópicos matemáticos. Para o professor conhecer os pontos por onde passam e os significados atribuídos, é essencial que os questione e que lide com o que dizem e fazem, de modo a que as trocas discursivas permitam a progressão.

¹ “Assessement in moment” no original.

² “Big ideias” no original.

³ “Landscape of learning” no original.

A avaliação no quotidiano é, assim, indissociável de uma comunicação posta ao serviço da aprendizagem. Esta ideia tem eco no PMEB que considera a comunicação matemática uma capacidade transversal a todos os temas matemáticos, um objetivo central e uma importante orientação metodológica. Neste âmbito, atribui ao professor um papel essencial na criação de oportunidades para que haja uma *comunicação reflexiva e instrutiva* (Brendefur & Frykholm, 2000) em que o cerne é a construção e negociação de significados.

Um contexto favorável a este tipo de comunicação são os *congressos matemáticos* (Fosnot & Dolk, 2002). Trata-se de discussões coletivas com certas características em que os alunos são incentivados a envolver-se numa atividade que tem fortes semelhanças com a da comunidade dos matemáticos (Boavida, 2008). Nas fases que antecedem o congresso, resolvem problemas criteriosamente selecionados para trabalhar ideias matemáticas poderosas mas “a resolução de problemas é apenas um ponto de partida. É uma rampa de lançamento para o intenso discurso matemático durante o congresso” (Dolk, 2008, p. 52). É essencial que o professor promova este discurso e apoie a reflexão de modo a que os alunos aprofundem a compreensão das ideias matemáticas em jogo e se apropriem de formas de raciocinar cada vez mais eficientes e precisas. Desta forma, as interações que ocorrem assumem um caráter regulador pois permitem ao professor compreender as forças e limitações dos processos de pensamento dos alunos, o que lhe é útil para sustentar a atividade matemática e delinear o ensino subsequente.

Este poster, que se insere num estudo mais amplo em fase de desenvolvimento, tem por objetivo apresentar as práticas avaliativas de uma professora do 5º ano de escolaridade durante a exploração de uma tarefa em contexto de congresso matemático e analisar os seus contributos para a regulação das aprendizagens.

Referências

- Boavida, A. M. (2008). Arqueologia educativa e congressos matemáticos: Potencialidades e desafios. Em J. Brocardo *et al.* (Eds.) *O sentido do número: Reflexões que entrecruzam teoria e prática* (pp. 55-59). Lisboa: Escolar Editora.
- Brendefur, J., Frykholm, J. (2000). Promoting mathematical communication in the classroom: two preservice teachers' conceptions and practices. *Journal of Mathematics Teacher Education* 3, 125-153.
- Dolk, M. (2008). Problemas realistas: Um ponto de partida para uma sequência de oportunidades de aprendizagem. Em J. Brocardo *et al.* (Eds.) *O Sentido do Número: reflexões que entrecruzam teoria e prática*. (pp. 35–53). Lisboa: Escolar Editora.
- Fosnot, C. & Dolk, M. (2002). *Constructing Fractions, Decimals and Percents*. Portsmouth: Heinemann.
- ME (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Avaliação para as aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.